

CAMPANHA MUNDIAL CONTRA AS EXPERIÊNCIAS ATÓMICAS

Proletários de Todos os Países: UNI-VOS!

Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

Na reunião do Bureau do Conselho Mundial da Paz em Berlim, de 30 de Março a 2 de Abril de 1957, foram discutidos os problemas das experiências atómicas; do desarmamento em geral; da segurança da Europa; da solução pacífica dos litígios em África e no Médio Oriente. Foi aprovado o Apelo que publicamos a seguir e resolvido fazer nova reunião, em

Ceileão, de 10 a 16 de Junho de 1957, reunião que promete grandes perspectivas na luta mundial pela Paz e que se espera venha a ter grande repercussão em toda a Humanidade.

Apelo do Conselho Mundial da Paz

Continuam as experiências atómicas. Elas dispersam no ar o estrôncio 90 que envenena a terra e as águas. Elas provocam o cancro e a leucémia.

Se as experiências atómicas não terminarem, a saúde e a vida dos seres humanos ficarão gravemente comprometidas durante gerações e atingirão especialmente as crianças.

A guerra atómica exterminará milhões de homens, mulheres e crianças e desvastará continentes inteiros.

Nenhum país, nenhum povo deseja esta guerra, todavia ela é abertamente preparada.

Os Estados Unidos e a União Soviética prosseguem nas suas experiências da bomba H e a Grã-Bretanha segue-lhes o exemplo. Nós pedimos que cessem as experiências. Nós pedimos uma trégua imediata.

A trégua permitirá defender a vida dos nossos filhos.

Ela obrigará os governos a pôrem-se de acordo para abolirem as armas atómicas e evitarem a própria guerra.

Se todas as vezes se exprimirem em todos os países, em defesa da paz, elas serão ouvidas.

Nós podemos evitar ainda o perigo atómico.

O Bureau do Conselho Mundial da Paz
Berlim - 2 de Abril 1957

MONTAR A INDÚSTRIA PESADA - NEGOCIAR COM TODOS OS PAÍSES AUMENTAR OS SALÁRIOS E ORDENADOS

Concordamos inteiramente com o professor Marcelo Caetano de que será pela via da industrialização que teremos de caminhar. Mas, não industrializar de qualquer maneira e muito menos à custa da agricultura.

Segundo o nosso Partido, a base da nossa independência económica e mesmo política, EXIGE QUE A MONTAGEM DA INDÚSTRIA PESADA TENHA PRIORIDADE ABSOLUTA SOBRE TODOS OS OUTROS RAMOS DA INDÚSTRIA. Mas isto só por si não basta ainda. Para que a indústria pesada assente em bases verdadeiramente nacionais uma medida urgente se coloca: NACIONALIZAR TODAS AS CONCESSÕES DE MINÉRIOS PERTENCENTES AOS MONOPÓLIOS ESTRANGEIROS. Enquanto se não fizer isso, todos os outros ramos da indústria nacional continuarão dependentes do estrangeiro, a independência económica e política de Portugal não poderá ser uma realidade palpável.

É sintomático que o senhor Marcelo Caetano, quando de inauguração do Congresso das Indústrias, não tenha dito uma palavra sobre a indústria pesada, como é sintomático que se esteja quase no termo do tão decantado plano de fomento e ainda não se tenha mexido uma pedra para a montagem da primeira unidade da siderurgia nacional previsto em tal plano.

Enquanto a tarefa patriótica de montar a siderurgia em bases verdadeiramente nacionais não for realizada, as ferramentas, as máquinas, os barcos, uma simples enxada, só poderão ser construídas se os países estrangeiros nos venderem o ferro e o aço.

O senhor ministro da Presidência referiu-se ao facto «de sermos forçados a en-

carar a hipótese de profundas alterações no comércio internacional...» Bem, apesar de apenas se encetar a hipótese, não deixa de ser animador. Não se compreende, entretanto, porquê o senhor Marcelo Caetano não disse aos representantes da produção industrial em que direcções se iria orientar essa alteração hipotética.

A adesão de Portugal, em quaisquer condições, ao projectado «mercado comum europeu» representaria uma calamidade para a indústria e a agricultura nacionais, mas a não adesão a tal mercado mantendo-se a estreita política comercial actual de Salazar, que, como é sabido, limita o comércio português a uns tantos países, de tal forma que hoje cerca de 67 por cento das importações provêm dos países que se propõem participar no «mercado comum» e na «zona de livre comércio» enquanto que 60 por cento das nossas exportações se dirigem para os mesmos países, acarretaria igualmente a ruína da indústria e da agricultura nacionais e o desemprego em massa. Sendo claro tudo isto, uma orientação se impõe:

a) Alargar rapidamente o mercado interno, AUMENTANDO-SE O PODER DE COMPRA DA POPULAÇÃO POR MEIO DE UM AUMENTO GERAL E IMEDIATO DOS SALÁRIOS E ORDENADOS.

b) Encetar imediatamente negociações com todos os países com quem Portugal não mantem relações diplomáticas e comerciais, países que formam um formidável mercado de mais de um bilião de pessoas.

Pelo discurso do ministro da Presidência de 26 de Maio passado, todos puderam ver que esta não é a orientação do governo. Fugindo ao problema, o senhor Marcelo Caetano, depois de colocar a necessidade de a indústria produzir mais, melhor e mais barato, cantou a velha e estafada cantilena de que todos devem colaborar na campanha de aprofundamento do consumo dos arti-

culos nacionais e o desemprego em massa. Sendo claro tudo isto, uma orientação se impõe:

a) Alargar rapidamente o mercado interno, AUMENTANDO-SE O PODER DE COMPRA DA POPULAÇÃO POR MEIO DE UM AUMENTO GERAL E IMEDIATO DOS SALÁRIOS E ORDENADOS.

b) Encetar imediatamente negociações com todos os países com quem Portugal não mantem relações diplomáticas e comerciais, países que formam um formidável mercado de mais de um bilião de pessoas.

Pelo discurso do ministro da Presidência de 26 de Maio passado, todos puderam ver que esta não é a orientação do governo. Fugindo ao problema, o senhor Marcelo Caetano, depois de colocar a necessidade de a indústria produzir mais, melhor e mais barato, cantou a velha e estafada cantilena de que todos devem colaborar na campanha de aprofundamento do consumo dos arti-

(continua na 2.ª pág.)

«PORTUGAL ADERE AOS PRINCÍPIOS EXPOSTOS PELA U.R.S.S.» DISSE O DR. TEIXEIRA GUERRA

Na reunião de 100 industriais na Associação Industrial do Porto, concluiu-se que a adesão de Portugal ao «mercado comum europeu» seria uma calamidade para a indústria nacional, seria a sua ruína. Também o representante dos sindicatos da indústria têxtil à Câmara Corporativa interveio neste sentido combatendo o «mercado comum», manifestando abertamente a sua discordância com o governo.

Isto por si só, se mais não houvesse, já nos parece bastante para provar a falsidade das «vantagens» apregoadas pelos autores de tal projecto. Esses autores não são outros que os representantes das grandes monopólios da Alemanha Ocidental, Inglaterra e França, interessados em esmagar ou submergir as economias dos países mais debéis economicamente aos seus interesses.

Isto mesmo já foi apontado em números anteriores do «Avante!». Apontamos igualmente a solução que mais convém ao nosso país — a do estabelecimento de relações comerciais livres com todos os países da Europa, o que poderia levar a um sistema de cooperação económica pan-europeu de que nenhum país da Europa seria excluído.

Aprez-nos, por isso, verificar que a voz da razão falou finalmente pela boca de um representante de Portugal no Comité Económico Europeu, em Paris, em 10 de Maio último. Disse o Dr. Teixeira Guerra: «Seria desejável assentir em bases concretas um sistema pan-europeu de cooperação económica e, a este respeito, Portugal adere aos princípios expostos pela U.R.S.S. com esse intuito nesta sessão.»

Palavras animadoras as do Dr. Teixeira Guerra que fazem esperar que o peso das realidades — neste caso as realidades do estado da nossa economia e os desejos do nosso povo, desde o homem da rua ao produtor da cortiça e da batata, ao industrial e ao comerciante — comece a ser lido em alguma conta.

Continuamos sinceramente convencidos de que se todos os produtores industriais e agrícolas se unissem nas suas associações, nos Grémios, etc., e se defendessem relações comerciais livres com todos os países, se o povo apoiar esta justa reivindicação da produção nacional, tais relações poderão ter lugar e Portugal não cairá no projectado anel do ferro do «mercado comum».

As nossas vozes outras vozes se vão juntando. Assim, na citada reunião de 100 industriais na Associação Industrial do Porto foi declarado alto e em bom som que uma das soluções para a crise do têxtil seria a exportação para os países da Europa Oriental. Foi igualmente afirmado que só por preconceito político o governo não permite negócios com esses países, «muito embora houvesse toda a canteiga para nós». Estranhou-se que se veja a Inglaterra a negociar, por exemplo, com a China e Portugal o não faça também.

NOVAS ACÇÕES DEMOCRÁTICAS

No passado 16 de Maio realizaram-se em Aveiro as comemorações da revolução liberal de 1828. Nelas, o professor Vieira de Almeida falou sobre liberdades fundamentais, salientando a necessidade da liberdade de expressão e acabou por não considerar verdadeira liberdade aquela que não é acompanhada de medidas que liberem o homem da miséria.

De uma maneira geral, os oradores do jantar realizado focaram a necessidade de todos os democratas se unirem, de deixarem de lutar «contra as sombras», e por fim foi aprovada uma moção que, tendo em atenção o acto eleitoral próximo propôs para 10 de Junho, em Lisboa, uma ampla reunião nacional para deliberar a atitude da oposição, reunião essa promovida por uma comissão, eleita nestas comemorações e de que fazem parte os Drs. António Sérgio, Azevedo Gomes, Câmara Reis, Sá Vieira e Marques da Silva.

Já na homenagem prestada ao Dr. José Domingos dos Santos, no Porto, o desejo de lutar contra a fome e pela elevação do nível de vida, por uma reforma eleitoral, reforma do ensino, protecção aos cientistas, liberdade de expressão e amnistia, foi o elo central da unidade que assestou tanto a cerca de 200 democratas de todas as tendências. Por todo o lado, pois, o problema eleitoral, e a necessidade de liberdade de expressão e de uma ampla amnistia, vão sendo justamente colocados como os mais sentidos problemas e anseios de todas as correntes anti-salazaristas, a que nenhum homem honrado ou agrupamento democrático se pode furtar. Esses problemas vão sendo apresentados como programa mínimo das reivindicações de todos os agrupamentos políticos anti-salazaristas.

Assim, por exemplo, acontece com o programa mínimo apresentado pela Frente Nacional e Democrática, a saber: «a) ampla amnistia política; b) a liberdade de pensamento, expressão e reunião, subordinadas a uma lei compreensiva, oportuna e justa; c) liberdade de trabalho, em condições realistas num plano de igualdade a todos os cidadãos e com possibilidade de fiscalização a todos assegurada.»

Todos estes pontos são susceptíveis de reforçar a unidade anti-salazarista nascente e base segura e necessária para se arrancar ao salazarismo sucessos há muito esperados pelo nosso povo. Cabe a todos nós, a todos os democratas e anti-salazaristas dar os passos indispensáveis para a sua concretização prática, apoiados na luta do nosso povo.

toral, e a necessidade de liberdade de expressão e de uma ampla amnistia, vão sendo justamente colocados como os mais sentidos problemas e anseios de todas as correntes anti-salazaristas, a que nenhum homem honrado ou agrupamento democrático se pode furtar. Esses problemas vão sendo apresentados como programa mínimo das reivindicações de todos os agrupamentos políticos anti-salazaristas.

Assim, por exemplo, acontece com o programa mínimo apresentado pela Frente Nacional e Democrática, a saber: «a) ampla amnistia política; b) a liberdade de pensamento, expressão e reunião, subordinadas a uma lei compreensiva, oportuna e justa; c) liberdade de trabalho, em condições realistas num plano de igualdade a todos os cidadãos e com possibilidade de fiscalização a todos assegurada.»

Todos estes pontos são susceptíveis de reforçar a unidade anti-salazarista nascente e base segura e necessária para se arrancar ao salazarismo sucessos há muito esperados pelo nosso povo. Cabe a todos nós, a todos os democratas e anti-salazaristas dar os passos indispensáveis para a sua concretização prática, apoiados na luta do nosso povo.

SEMPRE EM LUTA POR AUMENTO DE SALÁRIOS

Embora na maioria dos casos os aumentos e reivindicações alcançados estejam longe de satisfazer as necessidades, eles devem-se à luta persistente e organizada da classe operária. Seguem neste caminho os operários.

DA SORFAME — depois de pedidos vários, o último dos quais feito por meio de uma exposição com centenas de assinaturas, a maior parte dos 1.500 operários desta empresa metalúrgica conseguiu aumento.

Porém, a desproporção do aumento foi grande. Quem mais ganhava teve aumentos maiores daqueles que ganhavam menos. Assim, os chefes de brigada e do equipo tiveram aumentos de respectivamente 27,20, 24,80, 20,80 e 16,80 ficando a ganhar agora respectivamente 107,20, 95,80, 88,80 e 60,80 por dia. As categorias especiais passaram de 60\$00 para 73\$00 e de 56\$00 para 69\$40. Os oficiais tiveram aumentos de 63,40, 48,00 e 33,20; os ajudantes de primeira e segunda apenas tiveram 1\$00 e 80 respectivamente. Os aprendizes passaram de 24\$40, 20\$40 e 16\$40 para 32\$80, 28\$20 e 24\$40. Os ajudantes de terceira e os serventes não tiveram qualquer aumento.

A primeira lição a tirar daqui é que os salários podem ser aumentados. Quando se insiste junto dos patrões e dos sindicatos, recorrendo-se à cereja e à greva quando as formas legais se esgotam, a vitória mesmo parcial acaba por chegar. A segunda lição a tirar é que se todos os operários não forem aumentados e em igual proporção, isso se deve, em primeiro lugar, à debilidade da luta, ao seu aspecto legalista, resultando da fraca unidade e combatividade dos 1.500 operários da SORFAME.

Apreendendo-se isto, mas tendo em conta essa unidade se viesse a realizar o com ela crescesse a combatividade de todos os operários, o patronato tomou a decisão de aumentar parcialmente, com o fim premeditado de dividir os operários e assim se safar do aumento geral e mais substancial. Mas,

quer isto dizer que os operários da SORFAME não tenham alcançado já um sucesso. De modo nenhum. Entretanto, os operários farão bem se procurarem discutir este problema e fizessem eles também a sua própria lição.

DA ABELHEIRA — Santo António do Tojal. Continuando a sua luta por aumento de salários, 300 operários, concentraram-se, no mês de Abril, paralisando o trabalho durante 15 minutos. A Comissão de Unidade dirigiu-se ao gerente e depois a Lisboa, ao Sindicato.

DA SANTOS BARROSA, da Marinha Grande — Cerca de 50 operários, num turno de 3 obras, fizeram uma paragem de 1 hora e um minuto, contra a falta de água para beber. Como represália, o patrão suspendeu o trabalho naquele turno, mas em consequência dos protestos dos operários, levantou a suspensão e passou a der água.

DAS PEDREIRAS DE CARENQUE — Tendo conhecimento que o Ministro das Corporações tinha reenviado para a Caixa de Previdência a carta colectiva que há tempos lhe haviam enviado protestando contra as irregularidades no pagamento do Abono de Família, no subsídio de aleitação, da doença, etc., 78 dos 80 operários que trabalham nas pedreiras insistiram com nova exposição abordando os mesmos problemas e ainda o da reforma e da diminuição da cota do ático.

Apoiados no seu sindicato, os operários devem continuar a sua justa luta junto da empresa e pedir o reajustamento do seu salário que baixou de 2\$00 por semana com a inclusão do subsídio de 6300 no salário diário (26\$00) pois os descontos passaram a fazer-se sobre os 32\$00.

Ainda apoiados no seu sindicato devem reclamar que os patrões paguem com os 50%, da lei as horas extraordinárias que até aqui têm pago a singleto.

Só através de acções de unidade, nas empresas, nuns indústrias, em todos os locais de trabalho, os trabalhadores poderão alcançar a satisfação das suas reivindicações.

CELEBRAÇÕES DO 1.º DE MAIO

A pesar das intimidações e repressão salazaristas, os trabalhadores celebraram a Jornada Internacional dos Trabalhadores, unindo-se assim os trabalhadores de todo o mundo.

TORITENSE — A maioria dos operários não compareceu ao trabalho. Somente duas fábricas trabalharam. Como represália, os fascistas ocuparam a vila com forças da PSP, GNR, da Covilhã, Guarda e Castelo Branco. Armados de metralhadoras fizeram as mais variadas demonstrações de força, ocuparam as fábricas que não trabalharam e encerraram-nas até ao fim da semana.

COVILHÃ — A maioria dos operários não se apresentou ao trabalho, mesmo depois dos patrões lhes terem posto à disposição camionetas e de lhes terem pedido que passassem pelas fábricas embora, não trabalhassem.

PORTO — Os tipógrafos realizaram um passeio de confraternização para o qual se deslocaram 6 ou 7 camionetas.

LISBOA — Os trabalhadores formaram uma comissão representativa de várias classes com o apoio de estudantes para organizar um piquenique. Apesar da chuva torrencial, ainda se conseguiram juntar 80 pessoas.

Cerca de 50 jornalistas e alguns tipógrafos representando a imprensa diária realizaram um passeio e almoço de confraternização, em Setúbal, onde falaram do significado do dia e dos problemas da classe.

MARINHA GRANDE — Realizaram-se torneios de futebol entre 6 equipas de 6 em 6. No início dos desfilos, falou-se do significado do 1.º de Maio. Realizaram-se ainda jantares e merendas de confraternização.

XII CONGRESSO DO PARTIDO COMUNISTA BELGA

O Comité Central do Partido Comunista Português enviou uma mensagem de saudação ao XII Congresso do Partido Comunista Belga, realizado recentemente.

Nesta saudação, falando em nome dos comunistas portugueses, o C. Central do nosso Partido dizia entre outras coisas: «As forças da reacção e da guerra querem fazer desaparecer a Bélgica o papel de parceiro das suas aventuras belicistas e de dominação mundial.»

Nós estamos seguros que o vosso XII Congresso dará uma nova contribuição à luta dos trabalhadores e dos progressistas belgas contra uma tal política e pela salvaguarda da paz e ajudará mais ainda a classe operária da Bélgica a encontrar a verdadeira via que conduz ao socialismo e à independência nacional.»

E depois de desejar aos comunistas belgas, novos e melhores sucessos no seu trabalho, a mensagem terminava:

«Viva o XII Congresso do Partido Comunista Belga!
Viva o marxismo-leninismo!
Viva a Solidariedade fraternal dos comunistas do mundo inteiro!»

RÁDIO MOSCOVO

Transmite para Portugal todos os dias das 22 horas às 22.30 pelas ondas de 19, 25 e 26 metros e das 23 h. às 23.30 em 20, 25 e 31 metros.

NOTA: As condições de audição melhoraram consideravelmente.

A VIGILÂNCIA DOS POVOS IMPEDIRÁ A GUERRA

São de novo evidentes os progressos da coexistência pacífica e do desanuviamento internacional.

Apesar da intervenção armada no Egito e da abortida tentativa da reação mundial na Hungria que voltaram não só a coexistência pacífica, como escureceram o ambiente internacional, de novo o desejo de paz, cada vez mais evidente, de todos os povos, e a política de paz de todo o campo socialista triunfam sobre as manobras agressivas dos círculos reaccionários imperialistas.

A derrota do imperialismo frente ao desejo de libertação dos povos coloniais de que o Egito é um caso (gratante, a falência da «doutrina Eisenhower» para o Médio Oriente, cujos objectivos imperialistas foram postos a nã aos olhos dos povos árabes com as provocações e maquinções na Jordânia, as últimas manifestações populares na Formosa contra os ocupantes norte-americanos, as aparatosas medidas de força tomadas pelo governo ante a perspectiva de idénticas manifestações, o aumento das contradições no seio da NATO e de outros pactos agressivos, são outras tantas provas de que, hoje, a política de guerra dos círculos agressivos dos Estados Unidos e de todos os seus parceiros está votada a completo malogro. Entretanto a política de paz do campo socialista tendo à cabeça a U.R.S.S. encontra cada vez mais eco nos desejos de paz no coração de todos os povos do mundo.

Os progressos da Sub-Comissão do Desarmamento, a reunião do Conselho Mundial da Paz em Berlim no dia 2 de Abril e os apelos daí saídos contra as experiências atómicas os recentes apelos para a completa proibição das armas atómicas feitos pelo Japão e por grupos de cientistas em todo o mundo; a recente mensagem do Soviét Supremo da U.R.S.S. aos Parlamantos dos Estados Unidos e da Inglaterra propondo a criação duma comissão inter-parlamentar para conseguir a proibição das experiências das armas nucleares contribuem para alertar a consciência dos povos sobre os perigos duma guerra mundial.

Os recentes avisos feitos pelo governo da U.R.S.S. aos governos da Noruega, Dinamarca, Inglaterra e República Federal Alemã chamando a sua atenção para os perigos que o estabelecimento de bases atómicas americanas constituem um alerta para os respectivos povos, torna mais difícil e insustentável a política de dominação e de aventuras guerreiras dos círculos governantes dos Estados Unidos e dos seus colaboradores europeus.

Em consequência disto, as perspectivas de Paz e de coexistência aumentam de novo mas seria grave erro abandonar a luta para que a Paz seja uma realidade permanente. Como foi salientado no XX Congresso do P.C.U.S., as bases económicas da guerra existirão enquanto existir o capitalismo, mas é hoje possível e as forças pacíficas do mundo evitar que ela se desencadeie. Os últimos acontecimentos internacionais confirmam absolutamente este tese.

REPÚBLICA OU MONARQUIA?

Numa nota intitulada «Oportunidade», o jornal «República» de 13 de Maio, mostra-se indignado por o seu colega monárquico, «O Debate», ter declarado que a monarquia é indispensável, que essa necessidade era sempre possível, que a questão não era de tempo, mas de oportunidade.

Antes de mais, queremos declarar mais uma vez que nos batemos por uma República Democrática. Dito isto, entendemos que os monárquicos, como os republicanos, têm o pleníssimo direito de se baterem pelos seus ideais. Claro que combateremos sem desfalcimentos toda a acção monárquica de carácter reaccionário-fascista, mas, por outro lado, estamos prontos a chegar a acordo com os monárquicos liberais para uma acção comum, digamos, contra os fascistas republicanos com vista, a uma vez conquistada a legalidade, se dar voz ao povo português para, em Eleições Livres, escolher os governantes e o regime que deseja ter.

Se os monárquicos lutam e desejam lutar pela liberdade de expressão, de organização, de reunião, etc., para se poder consultar o povo livremente, estamos dispostos a ombrear com eles, a unir-nos-nos com eles contra a camarilha fascista de Salazar. Se, pelo contrário, alguns monárquicos querem substituir uma ditadura fascista, por uma outra ditadura fascista, combatê-los-emos por todos os meios ao nosso alcance. Na luta contra Salazar e a sua camarilha, só estes estão interessados na divisão dos anti-salazaristas. Por isso, não se nos afigura de qualquer utilidade, polemizarmos inimizades entre monárquicos e republicanos, e muito menos das do tipo que se vem travando há tempos entre os jornais «República» e «O Debate».

Na nota do jornal «República» acima citada, é dito ser preciso uma urgente explicação «para que o Governo da República possa ser informado acerca dos intentos dos homens com que trabalha...» e a que: «A que em luta aberta, sabe-se que não pertiga a República porque não faltará quem apegue a defendê-la». E mais esta! «O que pode rater é que o Governo não dormirá sobre o aviso e tratará de estar alerta e alerta para qualquer séria eventualidade que possa surgir. Disso estamos convencidos. Consideramo-lo como nosso adversário político, mas temos os homens que dele fazem parte como pessoas de bem e incapazes por isso, de qualquer acto menos digno».

Enfrentando força a audácia na sua firmeza de lutadores, já comprovada em muitas acções democráticas perante o inimigo, O CAMARADA AMÉRICO G. DE SOUSA E OS DEMOCRATAS ROLANDO VERDIAL E CARLOS BRITO CONQUISTARAM A LIBERDADE ATRAVÉS DE UMA CORAJOSA FUGA DO ALJUBE DE LISBOA.

O Partido Comunista reganhou assim um dos mais abnegados e salientes quadros da sua organização e a causa democrática conta

FUGA AUDACIOSA DO ALJUBE

de novo com a acção e combatividade de 2 destacados democratas.

O Partido Comunista saúda-os pela sua audaciosa fuga, em especial o camarada Américo de Sousa pelo magnífico exemplo de conduta comunista revelada em todos os passos desta nova proeza por que passou. Nele saudamos todos os camaradas que igualmente e diariamente levantam nas prisões e fora delas a gloriosa bandeira do Partido Comunista Português.

Por melhores Jornas NO CAMPO

As jornas pagas aos camponeses e camponesas do Alentejo, pelas mondas, foram jornas de fome, mas mais baixas seriam se não fora a unidade e a dura luta travada pelos camponeses.

Assim, em BALEIZÃO os agrários pagavam 9\$00 às mulheres e 15\$00 aos homens, mas pela luta os agrários tiveram que pagar 13\$00 e 18\$00 respectivamente. Em BRINCHES, um agrário queria pagar só 6\$00 (1) aos homens, mas teve que pagar-lhes 20\$00. Em QUINTOS, 60 camponeses foram à Casa do Povo pedir trabalho; enviaram-nos para uma estrada onde lhes queriam pagar só 18\$00 de solá sol, exigindo os camponeses 20\$00 com 8 horas. Como o empregatário não cedesse, nenhum pegou no trabalho. Nesta mesma localidade um agrário queria pagar apenas 8\$00 às mulheres, mas teve que dar-lhes 10\$00 se quiz a monda feita.

Em MONTIJO, as mulheres, desta frequência arreitores, deram um belo exemplo de unidade nas mondas, recusando os 8\$00 e os 10\$00 que os agrários queriam pagar alcançaram 15\$00 e 10\$00 durante 3 semanas. Na VENDINHA, COUCO, BENAVIDA, AVIZ FROTEIRA, EVOIRA, ELVAS, etc., os agrários só queriam pagar a 8\$00 e a 10\$00, mas foram forçados pela luta dos camponeses a pagar de 10\$00 a 15\$00.

Também um rancho de 40 camponeses de BARRANCOS que tinha sido contratado para uma ponte, em Couço, a 20\$00 com 10 horas de trabalho e viagens pagas todos os meses, ao chegarem verificaram que os da terra ganhavam o mesmo com 8 horas. Uniram-se, reclamaram as 8 horas ao engenheiro, zombaram abandonando o trabalho e acabaram por vencer.

Que nos dizem estes exemplos? Que te os trabalhadores não se unirem e lutarem morrerão de fome.

Se assim não fosse já há muito tempo que se teria acabado com as vergonhosas jornas de 6\$00, 8\$00, 9\$00 e... mesmo de 20\$00. Ou teria sido baseado nestes salários que o ministro da Economia concluiu no passado dia 14 de Maio que as capacidades dos principais produtos têm aumentado e que, em colónias, estávamos ao nível da França?

Por nós, para ensinar o senhor ministro a não ser mentiroso, gostaríamos de ver alimentarem-se, vestir-se e calçar-se, a ele e à família, não já com os 8\$00 ou 10\$00, mas com os 20\$00.

Se os monárquicos lutam e desejam lutar pela liberdade de expressão, de organização, de reunião, etc., para se poder consultar o povo livremente, estamos dispostos a ombrear com eles, a unir-nos-nos com eles contra a camarilha fascista de Salazar. Se, pelo contrário, alguns monárquicos querem substituir uma ditadura fascista, por uma outra ditadura fascista, combatê-los-emos por todos os meios ao nosso alcance. Na luta contra Salazar e a sua camarilha, só estes estão interessados na divisão dos anti-salazaristas. Por isso, não se nos afigura de qualquer utilidade, polemizarmos inimizades entre monárquicos e republicanos, e muito menos das do tipo que se vem travando há tempos entre os jornais «República» e «O Debate».

Na nota do jornal «República» acima citada, é dito ser preciso uma urgente explicação «para que o Governo da República possa ser informado acerca dos intentos dos homens com que trabalha...» e a que: «A que em luta aberta, sabe-se que não pertiga a República porque não faltará quem apegue a defendê-la». E mais esta! «O que pode rater é que o Governo não dormirá sobre o aviso e tratará de estar alerta e alerta para qualquer séria eventualidade que possa surgir. Disso estamos convencidos. Consideramo-lo como nosso adversário político, mas temos os homens que dele fazem parte como pessoas de bem e incapazes por isso, de qualquer acto menos digno».

Trabalho e pão e não Porrada

Nós, trabalhadores que tudo produzimos, estamos a ser tratados com as mais vis brutalidades pelo G.N.R. em qualquer parte onde nos encontramos, destacando-se o Broncais e a PIDE, que a todo a hora que se lembrem nos mandam chamar ao posto para nos drem uma sova, sem sabermos porque a levamos. Batem nas nossas mulheres e irmãs ou cirrigem-lhes palavras ofensivas.

Se caímos na falta de firmeza, no medo, é tudo o que eles querem, a verem-nos fugir um para cada lado, tratam de nos trazer debaixo de ameaças constantes.

O desamegamento durante três meses seguidos e os 10\$00 que ganhamos por dia para 6 e 7 pessoas, a roubalheira de todos os direitos que nos pertencem como seres humanos não chega à vida por cima porrada. Mas os nossos irmãos de Baleizão respondem com firmeza às perseguições e torturas que a G.N.R., a PIDE e os agrários lhe têm querido impor. Quando um trabalhador é chamado ao posto, imediatamente se une toda a família e todo o povo, homens, mulheres e crianças e exigem a sua libertação.

A firmeza e a unidade dos nossos irmãos de Baleizão fez recuar a repressão, permitte-lhe conquistar melhores jornas nas ceifas, nas mondas e conquistar trabalho ou pão onde as mulheres têm desempenhado papel de destaque.

Um camponês de Pias

AUMENTAR OS SALÁRIOS

(continuação)

gos industriais, guiando e aconselhando o publico na preferência pelos produtos do trabalho dos portugueses. Estranha e simplista maneira de abordar problemas tão sérios... Pode comover os ingénúos mas não resolve nada. Não, senhor Marcelo Caetano, não é do aproveitamento do consumo que se trata. Que fácil seria resolver o problema se fosse disso que se tratasse... Do que se trata, é de saber se o povo português tem dinheiro para comprar. Não, senhor ministro da Presidência, não é honesto falar em industrialização e em aumento da produção, se se foge ao problema de comprar de pelo menos 7 milhões de portugueses e portuguesas. Como? Aumentando-se rapidamente os salários da classe operária da cidade e do campo e os ordenados dos empregados e dos funcionários de maneira substancial.

contra a repressão POR UMA AMPLA AMNISTIA

A vida dos patriotas presos está cada vez mais ameaçada. Apesar de terem há muito terminado as penas, Alvaro Cunha, Francisco Miguel, Manuel Gueles, José Maria do Rosário, Rogério e outros, encontram-se ainda nos muros da PIDE. Chega-se ao ponto de se inventarem processos para justificar a sua permanência nos prisões. Tal é o caso de Francisco Miguel que depois de ter terminado as medidas de segurança, levantaram-lhe um processo por actividades «subversivas na prisão» e outro por ter feito um minuto de silêncio em memória dos patriotas assassinados pela PIDE.

Outros patriotas aguardam há anos, nas prisões, julgamento como, Maria Angela Vidal, Carlos Costa, Rui Gomes, Virginia Moura, José Morgado, Alberino de Macedo e Lobão Vital. Noutros casos arrastam-se os julgamentos como está a acontecer com o julgamento dos jovens do Porto.

Mais dois patriotas foram presos recentemente: eng. Blanqui e Francisco Martins. Entretanto, a junta-se à acção dos portugueses para salvar a vida dos nossos patriotas presos, cresce a acção internacional.

Assim, 2 JOVENS FRANCÊSES assistiram a uma audiência do julgamento do Porto e entregaram ao Presidente da República uma representação com 20.000 assinaturas de franceses e francesas pedindo a libertação dos jovens.

A CONFEDERAÇÃO DOS TRABALHADORES DA AMÉRICA LATINA, através de uma carta, enviada ao Presidente da República, assinada pelo seu presidente Lombardo Teledano em 4 de Março e publicada em vários jornais da América Latina, pede a libertação da patriota Georgette Ferreira e medidas imediatas para o seu restabelecimento.

Os SINDICATOS AÇUCAREIROS DA INDONÉSIA, numa carta assinada pelo seu presidente e enviada para Salazar, através da embaixada Portuguesa na Indonésia, em 24 de Abril (publicada também em vários jornais), condenam os últimos assassinatos e pedem ao Governo que se oriente pelos princípios dos Direitos do Homem. Cópia desta carta foram enviadas para os secre-

tários da ONU, da F.M.S. do U.I.E. dos Operários Agrícolas e Florestais, pelo o Conselho Nacional do (SOBS) Sindicato Pan-Indonésia, para o Governo da República Indonésia, Parlamento da Indonésia e Seccões Regionais do Sindicato Açucareiro.

QUANTIAS RECEBIDAS DE AMIGOS DO PARTIDO

FEVEIREIRO DE 1957	trov	600.00	Salários	632.50	Sílabo (1)	5.00
Vladimir (1a 5)	C. Ferreira	202.50	Pró-Amnistia (V)	251.50	Telho Vermo	12.50
Vollaire (7 a 10)	Gulherme	50.00	Progressistas Pré-luta	80.00	Trio Vermelho	17.00
2 listas de Nat. (64-67)	C. Carvalho (C)	30.00	Recenseamen- to	550.00	Um admirador	10.00
2 patriotas	Idem (M)	92.50	União Iz a	300.00	Força S. M.	35.00
Idem	Joaquim Lemos	50.00	União Es. Industrial	20.00	União Vence-	155.00
4 Amigos da Paz	Jorge Amado	30.00	Sérgio Vilari-gues	435.00	Unidos Vence-remos (PF)	200.00
Idem	J. Magro J. A.	100.00	Serralheiro V	12.00	31 de Janeiro	40.00
Idem	J. Moreira J.	74.00	Simpilisan, Al.	100.00	Solidariedade	250.00
MARÇO DE 1957	Kennia	10.00	Stakanov (2)	50.00	TOTAL	14.219\$90
Abaixo fascismo	Kiev (2)	50.00				
Idem	Libertação	63.80				
Africa revolu- cionária (2-3)	Lista Natal n.º 5	10.00				
Albino (B)	Idem n.º 30	12.50				
Albino (T)	Idem n.º 31	20.00				
Alcino de Sousa (1)	Idem n.º 102	17.50				
Idem (H)	Luta pela Amnistia	10.00				
Alvaro Cunha (R T)	Marinha ver- melha (Fev)	82.50				
Aos perseguidos	Idem (X)	72.50				
Apelo a democratas	Motor Verm.º	100.00				
Avante pela Liberdade	Idem	40.00				
Benfica ver- melha (2-3)	Mudança de Regime	348.00				
B. Caraga (1)	Mulheres Livres	200.00				
B. de Jesus Caraga	Nova Democracia	50.00				
Camarada Es- teves (2-4)	Nova Era	20.00				
«Camino A»	O povo quer Paz	60.00				
Camponês co- lectivista	País da Paz	70.00				
Camponeses	País, Paz e Cultura	100.00				
progressistas	Idem (C)	180.00				
Carlos Pato J	Idem A»	15.00				
Catarina Eufré- mia (CRE)	Campanha de Cu- lta	500.00				
Direitos Hu- manos	Paz Mundial	127.50				
Dnieper (3)	Pela D. Popular	37.50				
Esp. no futuro	Pela Libertação	100.00				
Galin (10 a 12)	F. Miguel	250.00				
Grupo Dimi-	Pela Unidade	20.00				
	Pela Vitória da Unidade	900.00				
	Pires Jorge	25.00				
	Por um aumen- to G. dos					

NOS PAÍSES DO SOCIALISMO

Na imprensa diária tem-se publicado ultimamente as maiores aldrabices sobre a economia da U.R.S.S. e dos países de democracia popular da Europa, dizendo que estão em pleno desalcatro, que os planos não são cumpridos, etc.

Vamos desmentir essas aldrabices? Nada disso. Deixamos gostosamente esse trabalho ao insuspetadíssimo Conselho de Administração do Banco de Portugal.

«Na maior parte dos países da Europa Oriental, foram atingidos no seu conjunto ou ligeiramente excedidos os objectivos fixados para o primeiro semestre de 1956. Os acréscimos da produção industrial oscilaram entre os limites de 13,5 e 12 por cento, nos casos da Bulgária e da U.R.S.S., e o de 7 por cento registado na Hungria e na Alemanha Oriental».

No que respeita à produção agrícola, notam-se importantes progressos na U.R.S.S., resultantes principalmente da campanha de aproveitamento das terras incultas, e também de melhorias no fornecimento de rúbos e de máquinas agrícolas. Nos outros países da Europa Oriental, os resultados finais das colheitas não são ainda conhecidos, mas tudo parece indicar que as respectivas produções deverão representar progressos em relação aos anos anteriores.»

(Relatório do Banco de Portugal de 1956)

AJUDAI O PARTIDO! CRIAI GRUPOS DE AMIGOS DO PARTIDO! AJUDAI O «AVANTE!»